
APRESENTAÇÃO

O que se recicla

A pergunta que fica ao ler os quatro textos que compõem esse *Fragmentum* é: o que, afinal, o sujeito recicla? O sentido de reciclar aponta tanto para lixo quanto para cidadania. Cidadania que se dissipa com o fogo no barraco de papel. Barraco que se dissipa com o fogo na cidadania de papel. São enunciados intercambiáveis nos quais lixo e cidadania confundem-se no espaço da cidade, no discurso da cidade. O que não se dissipa e não se confunde, nem com fogo, nem com lixo, nem com cidadania, é a poesia, pois ainda que queime o papel, a esperança, o barraco, o direito, é ela que permanece e dá ao sujeito um lugar.

As autoras Aline, Larissa e Rejane, ao analisarem o livro de poemas **Catando Cidadania**, de autoria de Tereza da Silva, catadora de materiais recicláveis da cidade de Santa Maria, bem como entrevistas com Tereza e notícias publicadas sobre o lançamento do livro na Feira do Livro da cidade, desdobram sentidos do discurso da cidade e dos modos de significação do sujeito no espaço urbano, fazendo deslizar cidadania para lixo para reciclável para profissão para poesia para inclusão. As autoras dos artigos aqui publicados mostram que tal deslizamento vai se constituindo a partir do discurso da cultura, já que o projeto que torna possível a publicação do livro da “catadora/escritora”¹ Tereza é, de um lado, o projeto da Casa de Cultura de Santa Maria, **Catando Cidadania**, que representa o governo da cidade, de outro lado, o projeto Esperança Cooesperança, que também esteve engajado na publicação do livro *Catando Cidadania*, conforme apontado nos artigos de Larissa Scotta e Rejane Maria Arce Vargas, e que representa a Igreja. Temos aí a união de duas instâncias de poder que instituem o pano de fundo daquilo que Foucault chama “governamentalidade”, a saber, “a maneira como se conduz a conduta dos homens” (Foucault, 2008). A governamentalidade como prática política é o que produz sentido para o discurso da

¹ A relação entre esses dois lugares identitários será trabalhada no artigo de Aline Rockenbach Calderaro, a seguir.

inclusão/exclusão, numa sociedade globalizada em que o paradigma cultural organiza o pensamento social (Touraine, 2006).

São muitos os questionamentos e os sentidos possíveis apontados pelas três autoras dos artigos deste *Fragmentum*. Dentre eles, a problematização do discurso da inclusão/exclusão mostra ao leitor, através do funcionamento discursivo, o modo de produção da “identidade integrativa” (Schaller, 2001), que produz o sentimento de inclusão, de pertencimento à sociedade.

O discurso da inclusão/exclusão é constitutivo da cidade. Os que estão dentro e os que estão fora dos condomínios fechados, os que estão dentro e os que estão fora das favelas: duas faces de um mesmo problema político e social. Entre os que estão dentro e os que estão fora há os que estão à margem. Esses não estão dentro nem fora, estão à espreita de um lugar na sociedade. Os artigos a seguir mostram como, através da re-significação de si mesma, Tereza faz do não-lugar² (o à margem - catadora), um lugar (escritora). Tereza, habitante consumida, para a qual a única saída gerada pela falta de espaço habitável na cidade é recompôr o lugar no não-lugar. Dos viadutos, calçadas, marquises, chafarizes ou bancos de praças, recompõem-se quarto-e-sala. Do lixo reciclável, de plástico, vidro e lata se faz arte (de viver).

Deleuze (1995), no texto “A imanência, uma vida...”, diz que quando o sujeito e o objeto saem fora do plano da imanência são tomados como sujeito universal. Para o filósofo, a imanência não está em nada e é em si mesma uma vida. Deleuze cita Dickens dizendo que ninguém melhor que ele descreveu o que é uma vida:

Um canalha (ralé), um mau sujeito, desprezado por todos é reconduzido agonizante e eis que aqueles que cuidavam dele passam a manifestar certa solicitude, respeito, amor pelo que restava de vida no moribundo. Todo mundo se põe a salvá-lo, ao ponto que no ponto mais profundo do seu coma o vilão sente ele mesmo algo de doce lhe penetrar. Mas à medida que ele retorna à vida, seus salvadores tornam-se mais frios, e ele reencontra toda sua baixeza, sua maldade (...). A vida do indivíduo é substituída por uma vida impessoal, embora singular, que produz um puro acontecimento livre dos acidentes da vida interior e exterior, ou seja,

² Estou aqui falando de não-lugar da perspectiva de Marc Augé (1994), para o qual o não-lugar é um espaço de passagem, de trânsito, geometricamente habitado, que não cria identidades singulares.

de subjetividade e da objetividade do que acontece. (...) além do bem e do mal, já que só o sujeito que o encarnava no meio das coisas o tornava bom ou mal.

Os artigos a serem lidos nos mostram com poesia, sensibilidade e rigor teórico, o modo como as determinações sócio-histórico-ideológicas, das quais o indivíduo é inseparável, vão produzindo um lugar que o diz bom ou mal, incluído ou excluído, catador ou escritor.

Cristiane Dias
Dezembro, 2008.
Labeurb/Nudecri - Unicamp

Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

Deleuze, Gilles. *A imanência, uma vida...* Trad. Jorge Vasconcelos et al. In: VASCONCELOS, J.; FRAGOSO, Manuel A. da Rocha (Orgs.). *Gilles Deleuze, Imagens de um Filósofo da Imanência*. Londrina: UEL, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

SCHALLER, Jacques. *Construire un Vivre Ensemble dans une Démocratie Renouvelée*. Université de São Paulo, 2001.

TOURAINÉ, Alain. *Um Novo Paradigma: Para Compreender o Mundo de Hoje*. Trad. Gentil Avelino Titton. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.